

QUANTOS DOLARES?

O Brasil quer 7 bilhões este ano. Os credores acham que precisamos menos.

Ao se esgotar mais um prazo para o encerramento das negociações da dívida brasileira, ontem, o comitê dos bancos credores e o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, estavam diante de uma nova diferença, sobre quanto o Brasil precisa para 1988.

A informação foi dada por uma fonte que acompanha as negociações, em Nova York, que ainda acrescentou: "O Brasil diz que precisa de cerca de US\$ 7 bilhões para este ano. Os bancos calculam um total bem menor".

O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, disse ao JT, na manhã de ontem, que "nada foi decidido, ainda, sobre um pagamento de juros pelo Brasil", reagindo à notícia, publicada pelo *The Wall Street Journal*, de que um pagamento de US\$ 300 milhões estaria por ser feito, e "imediatamente".

"Não. Esta questão do pagamento é uma questão... Quando cheguei aqui, alguns jornalistas me esperavam no caminho do meu escritório para o comitê, quase todos os dias, perguntando: você trouxe um cheque? Vai fazer um

pagamento hoje? Acho que a expectativa nasceu daí."

Milliet negou que estivesse embarcando ontem à noite de volta para o Brasil, como se dizia, por causa de uma reserva em seu nome feita na Varig. E não dramatizou o final do prazo para um acordo de princípio, como estipulado pelo acordo provisório, avisando que as negociações, prorrogadas automaticamente, prosseguem na semana que vem.

Uma fonte americana, que dava muita importância ao prazo, chamou a atenção para um fato: "Nenhum novo prazo foi marcado, nem as negociações entraram em recesso".

— O fantasma do Icerc (a comissão interagências que poderia rebaixar o status da dívida brasileira) estaria de volta? —, perguntou o JT ao presidente do Banco Central.

"Tenho a impressão de que está sempre lá. Certo? A questão é que as negociações estão caminhando. E aí ele fica quieto. Se amanhã surgir um impasse, e eu disser que interrompemos as nego-

ciações, etc. e tal, aí o Icerc vai começar a ficar preocupado de novo. No momento, não sinto que ele seja uma ameaça."

O otimismo observado durante a semana, e a informação de que o ministro Mailson da Nóbrega tem conversado frequentemente com o secretário do Tesouro, James Baker, por telefone, foram duas novidades — somadas ontem pelo *The Wall Street Journal* para concluir, num título, que o Brasil e seus credores poderão alcançar logo um acordo geral. Um dos negociadores brasileiros considerou as informações "próximas da realidade".

Para o *Journal*, o pagamento de US\$ 300 milhões (a imprensa brasileira o calculava em US\$ 265 milhões), que seria imediato, já na semana que vem, cobriria de 30 a 40% dos juros vencidos em janeiro, entre US\$ 850 a 900 milhões (o cálculo de US\$ 765 milhões foi passado aos correspondentes brasileiros numa entrevista com Fernando Milliet, na Embaixada do Brasil, logo no recomeço das negociações).

"Uma outra alternativa",

acrescentou uma fonte, ontem, "é que o Brasil pague todos os juros até 30 de junho, quando pode entrar em vigor o acordo de médio prazo que inclui dinheiro novo, um dinheiro que o Brasil vai usar, na realidade, para pagar os juros do segundo semestre do ano."

A mesma fonte indicou que "estamos descobrindo alguns pontos de um acordo, mas o ponto chave ainda é o empréstimo-ponte para os pagamento dos juros de 88. Alguns bancos acham que o Brasil já tinha assumido o compromisso de pagar o juros, e não gostam da nova versão de que só pagará se receber 2/3 de ajuda".

O presidente do Federal Reserve Bank, de Nova York, Gerald Corrigan, falou da dívida dos países menos desenvolvidos, na quinta-feira, para uma audiência só de banqueiros. Ele considerou a situação da dívida do terceiro mundo "precária", e advertiu: "Não há golpes de mestre para resolver o problema".

**Moisés Rabinovici,
de Washington.**